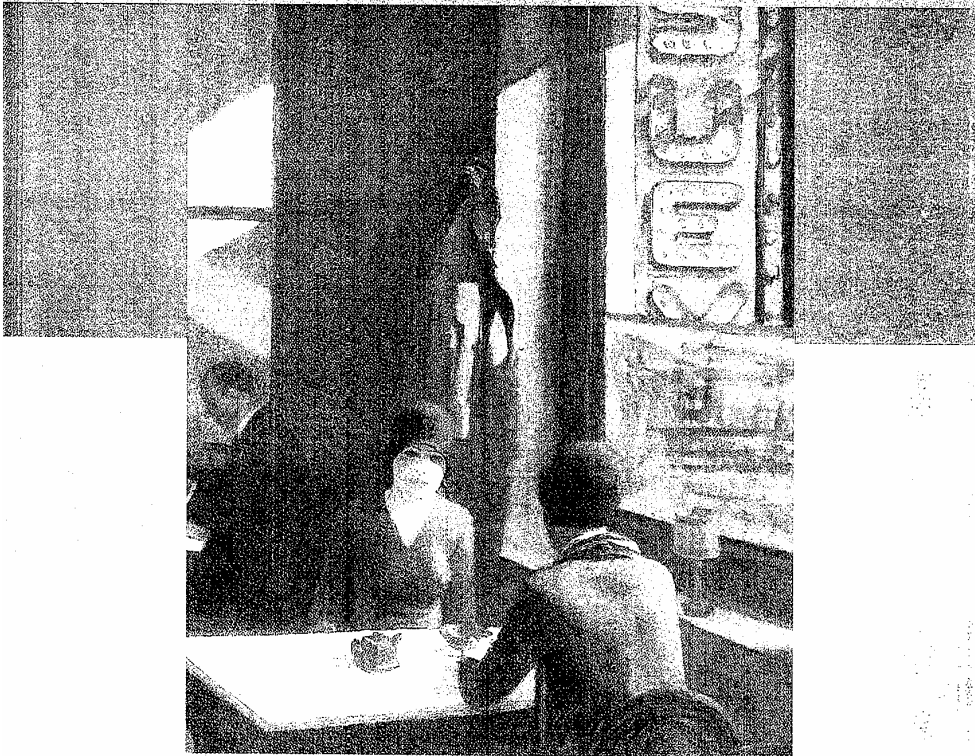


Organizadoras
Ana Cristina Braga Martes
Soraya Fleischer

FRONTEIRAS CRUZADAS

COMUNIDADE, GÊNERO E REDES SOCIAIS



10

A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais

WEBER SOARES

INTRODUÇÃO

O interesse teórico sobre a migração internacional tem se concentrado sobre três tópicos principais: I) as causas de fluxos populacionais dessa natureza, II) os determinantes que a eles, fluxos, conferem estabilidade/continuidade; III) a adaptação dos migrantes à sociedade de destino. Guardam pertinência mais direta com a realidade-alvo aqui analisada o primeiro tópico e o segundo. Assim, o passo inicial da narrativa analítica realizada neste trabalho consiste em lançar as premissas teóricas do debate que se estabelece entre a corrente neoclássica, estruturalista, institucionalista e dos sistemas mundiais sobre as causas da migração internacional.

Na seqüência, o olhar volta-se para o esforço de construção do trânsito entre a perspectiva “estruturalista” e a “subjativista” empreendido pela análise de redes sociais. Esse arcabouço teórico não tenta uma síntese impossível entre estrutura e sujeito; busca, isto sim, estabelecer uma ponte entre essas duas escolas de análise do campo social. A um só tempo, a análise de redes admite o constrangimento formal e a racionalidade relativa, o que significa, metodologicamente, trabalhar com uma rigorosa representação algébrica da configuração estabelecida entre as relações sociais e ter em conta o contexto social no qual os atores tomam decisões: o ator move-se dentro de uma lista predeterminada de preferências e faz a melhor escolha possível, com os meios de que dispõe.

As singularidades da emigração internacional de Valadares ganham voz por meio de informações sobre a distribuição dos emigrantes de acor-

do com o período em que se deu a primeira experiência migratória para outros países, sobre a pauta de escolhas dos emigrantes quanto ao país de destino e sobre os laços históricos norteadores da direção preferencial tomada pelo fluxo populacional. A seguir, o papel desempenhado pela rede pessoal (parentes e amigos), pelas agências de turismo e pelas agências de falsificação de documentos na consecução do projeto de migrar será objeto de análise.

Para recolher e sistematizar informações que dessem conta das características da emigração internacional valadarense, o trabalho de Margolis (1994), o de Martes (2000) e, em especial, a pesquisa de campo realizada por Soares (1995) constituíram referência básica. Soares (1995) elegeu como metodologia¹ mais adequada para avançar na compreensão desse processo migratório o levantamento de dados por meio de pesquisa social empírica: um questionário de 86 questões foi aplicado, em janeiro de 1994, à amostra de 623 domicílios pertencentes à sede do município de Governador Valadares.

Por fim, o esforço de traçar os nexos entre a emigração internacional e a rede migratória internacional originada em Valadares permitirá pôr à prova o alcance explicativo das teorias que se debruçam sobre as causas do fenômeno migratório, indicar os elementos constituintes dessa rede migratória internacional e, à luz do arcabouço conceitual oferecido pela análise de redes sociais, pôr em evidência as condições estruturais que permitem levar a efeito o migrar para outros países.

TEORIA DA ATRAÇÃO E EXPULSÃO

O mais amplo arcabouço conceitual sobre as causas da migração internacional, conhecido como *teoria da atração e expulsão*, consiste na reunião de fatores econômicos, sociais e políticos que forçariam as pessoas a deixarem o próprio país. Interpretações de diferentes filiações teóricas (de neoclássicas a estruturalistas) lançam mão desse arcabouço, ao arrolar como determinantes dos fluxos migratórios: I) o elevado crescimento demográfico dos países em desenvolvimento — nesses países, o excedente de mão-de-obra, gerado pelas altas taxas de crescimento populacional, não é absorvido de forma produtiva, o que leva à emigração para países desenvolvidos; II) a pobreza — privação econômica estrutural; III) desequilíbrio

da renda; IV) a estagnação econômica; V) as violações aos direitos humanos, resultantes de problemas políticos e sociais, que têm um efeito destabilizador sobre a sociedade e podem conduzir à migração forçada (Naciones Unidas, 1997).

A longa trajetória de análise dos movimentos populacionais, em associação com o desempenho das atividades econômicas, inicia-se com Ravenstein (1980). Para ele, os fluxos migratórios gerados pela busca de melhores condições materiais de vida superam, em muito, os fluxos cujos motivos não são econômicos; e as correntes migratórias que se dirigem para centros industriais e comerciais resultam da demanda por mão-de-obra.

MACRO E MICROTEORIA NEOCLÁSSICA E OS NOVOS ECONOMISTAS DA MIGRAÇÃO

Inspiração calcada em mecanismos causais de natureza econômica encontra-se, também, na *macroteoria neoclássica*² (Harris, 1980; Todaro, 1980; Lewis, 1963), ao lidar com a emergência dos fluxos migratórios. Essa perspectiva teórica afirma que a migração internacional, bem como sua contraparte interna, é causada pelas desigualdades geográficas na oferta e na demanda de trabalho; desigualdades que se manifestam pelas diferenças nas taxas salariais: países com excesso de força de trabalho, em relação ao capital, apresentam baixos salários; e países com limitada força de trabalho, em relação ao capital, altos salários. A resultante do deslocamento populacional torna-se, então, evidente: de países com baixos salários ou com excesso de mão-de-obra para países com altos salários ou com escassez de força de trabalho. À medida que se intensificam os fluxos migratórios, a oferta de trabalho diminui e os salários sobem em países carentes de capital; ao tempo que a oferta de trabalho aumenta e os salários caem em países fartos de capital; desse modo, o diferencial internacional de salário passaria a refletir apenas os custos monetários e psíquicos do deslocamento. Os mercados de trabalho constituem o mecanismo primário pelo qual os fluxos internacionais são induzidos. Não obstante, implícita está a proposição de que se fossem eliminadas as diferenças salariais entre os países, os fluxos migratórios deixariam de existir.

1. Exposição detalhada dessa metodologia encontra-se em Soares (1995).

2. A taxionomia das principais correntes teóricas que se debruçam sobre as causas da migração internacional foi, em parte, retirada de Massey *et al.*, (1993).

Para a *microteoria neoclássica* (Sjaastad, 1980; Todaro, 1980), os indivíduos racionais decidem migrar porque esperam obter um retorno líquido positivo, geralmente monetário, desse deslocamento; dada a qualificação que possuem, migrantes potenciais estimam os custos e benefícios de se deslocarem para outros países e transferem-se, em determinado horizonte temporal, para onde os retornos líquidos, descontados os retornos esperados, são maiores. Nesse caso, além das diferenças salariais, a taxa de emprego é levada em conta pelo indivíduo: se os rendimentos da região de destino, multiplicados pela probabilidade de aí encontrar emprego, menos o custo material, social e psicológico da viagem, forem superiores ao da região de origem, a migração concretiza-se. Enfim, migração internacional é entendida por essa corrente teórica como o simples somatório de movimentos individuais; constitui uma forma de investimento em capital humano; e a decisão migratória origina-se do desequilíbrio ou da descontinuidade entre os mercados de trabalho — outros mercados não influenciam diretamente essa decisão.

É preciso reconhecer que não há antagonismo entre a macro e a microteoria neoclássica; ambas admitem que a migração internacional origina-se de diferenças nas taxas salariais entre os países e propõem que mercados de trabalho em desequilíbrio podem ter na migração um fator equilibrante.

Os *novos economistas* da migração entendem que as decisões migratórias não são tomadas por atores individuais isolados, mas por unidades maiores de pessoas relacionadas, tipicamente famílias ou domicílios. Ao contrário do que postulam os neoclássicos, os novos economistas da migração não aceitam o funcionamento perfeito do mercado e acreditam que os domicílios, pela distribuição diversificada dos recursos que estão a sua disposição, incluindo o trabalho familiar, estariam em posição melhor do que o indivíduo para controlar os riscos ao bem estar econômico. Os indivíduos atuam coletivamente, não apenas para elevar ao máximo a renda esperada, mas, também, para reduzir os riscos e diminuir os constrangimentos associados com uma variedade de falhas de mercado (mercado de trabalho, mercado de seguros, mercado de capital, mercados futuros etc.). Assim, os domicílios têm incentivos significativos para investir recursos escassos em atividades e projetos que permitam acesso a novas fontes de renda, mesmo com a perspectiva de que tais atividades não aumentem, necessariamente, a renda total. Se as decisões familiares são motivadas

pela necessidade de diversificação dos riscos, a diferença salarial entre as nações não constitui, nesse caso, condição necessária para a ocorrência de movimentos migratórios (Massey, 1993). Logo, o movimento internacional não pára, necessariamente, quando os diferenciais de salário são eliminados entre as fronteiras nacionais; o incentivo à migração continua a existir se outros mercados, dentro dos países de origem, são ausentes, imperfeitos ou estão em desequilíbrio.

Ainda que as formulações teóricas dos novos economistas da migração e da escola neoclássica conduzam a conclusões diferentes sobre as origens e a natureza da migração, são ambas tributárias de modelos de decisão de âmbito micro. Tais correntes teóricas não agem em desacordo, pois a mobilidade espacial surge nelas como campo privilegiado de demonstração da racionalidade dos agentes, mesmo que se encontrem diferenças entre as unidades que tomam as decisões (indivíduo e família); entre a entidade que é valorizada ou desvalorizada (renda ou risco); entre as suposições acerca do contexto econômico em que as decisões são tomadas (mercados completos que funcionam bem *versus* mercados ausentes ou imperfeitos); entre os limites pelos quais a migração é considerada uma decisão socialmente “contextualizada” (se a renda é avaliada de acordo com valores absolutos ou relativos, por algum grupo de referência).

TEORIA HISTÓRICO-ESTRUTURAL

Em posição diametralmente oposta à dos modelos de escolha racional — que concebem a migração internacional como estratégia de mobilidade livremente assumida, autonômica — estão as análises que entendem os deslocamentos humanos como estratégia de mobilidade sujeita a constrangimentos estruturais: teoria *histórico-estrutural*. Preocupada com as conseqüências do rápido crescimento da população urbana, a concentração populacional nas grandes cidades e a penetração das forças de mercado no campo, o saber de cunho histórico-estrutural dedicou-se, inicialmente, à migração interna, sobretudo à migração rural-urbana. Só no final dos anos 1970, quando a estagnação econômica mundial põe em evidência a absorção de imigrantes como questão política relevante para os países desenvolvidos, é que as concepções histórico-estruturais passam a ser aplicadas aos fluxos internacionais de trabalhadores (Massey, 1997).

Para esse tronco teórico, a migração é vista como fenômeno (relação, processo) social, no qual a unidade de análise é o fluxo composto por indivíduos de determinado grupo socioeconômico, que emana de estruturas societárias geograficamente delimitadas e não como ato soberano ou soma das escolhas individuais. A migração resulta das desigualdades regionais advindas do espaço transformado, do rearranjo espacial das atividades produtivas. Daí que os determinantes e conseqüências da migração devem ser remetidos a outros fenômenos sociais, historicamente condicionados, que se relacionam com o processo de mudança estrutural em determinada formação social (Singer, 1973).

A vertente teórica da *mobilidade da força de trabalho* centra a análise na produção e reprodução ampliada da relação capital/trabalho. “A migração deixa de ser conseqüência ou reflexo do espaço transformado para atuar como agente de transformação e a dimensão espacial, traduzida como um conjunto de relações sociais, é retida para possibilitar a análise de formas concretas de mobilidade da força de trabalho” (Salim, 1992, p.30). Nesse caso, os deslocamentos humanos aparecem como resultado de uma estratégia capitalista de mobilidade forçada. A mobilidade da força de trabalho é uma das condições de existência do sistema capitalista e expressa a tendência de submissão, cada vez maior, do trabalhador às exigências do mercado: mercê do capital e das suas crises periódicas, a força de trabalho desloca-se de uma atividade para outra, de um espaço para outro, para satisfazer às necessidades da acumulação (Gaudemar, 1977).

TEORIA DO MERCADO DUAL DE TRABALHO

De inspiração institucionalista, a teoria do mercado dual de trabalho (Piore, 1979) entende que a migração internacional é causada por uma demanda permanente de trabalhadores migrantes, inerente à estrutura econômica das nações desenvolvidas. Os principais determinantes dessa demanda são: I) a inflação estrutural; II) o dualismo econômico.

O primeiro determinante ganha expressão no argumento de que as variações salariais não resultam apenas de oscilações entre a oferta e a demanda de trabalhadores; refletem também o *status* social: uma diversidade de expectativas sociais informais e de mecanismos institucionais garante a correspondência entre os salários e a hierarquia de prestígio e *status* percebida e esperada pelas pessoas. Em razão disso, atrair trabalhadores nativos pouco qualificados, durante períodos de escassez de traba-

lho, pelo aumento dos salários de entrada, é caro e disruptivo, o que fornece aos empregadores forte incentivo para buscar soluções mais fáceis e baratas, tal como a importação de trabalhadores que aceitam baixos salários e não se incomodam com as implicações negativas, para o *status* e prestígio, de ocupar um emprego de baixa qualificação.

O segundo determinante remete à repercussão do dualismo, inerente ao binômio trabalho-capital, na estrutura segmentada do mercado de trabalho. Nas sociedades industrialmente avançadas, esse mercado divide-se basicamente em dois setores ocupacionais: primário e secundário. Aos trabalhadores nativos, fica reservado o setor primário, no qual os salários são mais altos, os empregos são mais seguros e há a possibilidade de melhoria ocupacional. No setor secundário, ocorre a demanda permanente por trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação, que aceitam os baixos salários, as condições instáveis e a falta de perspectivas razoáveis de mobilidade social. Não só o perfil da renda, mas também o tipo de trabalho do setor secundário operam para tornar a sociedade resistente à eliminação das atividades pertencentes a esse setor e para fazer com que os nativos relutem em desempenhar tais atividades.

A migração não é, por conseguinte, causada por fatores de expulsão nos países de origem (baixos salários ou alto desemprego), mas por fatores de atração nos países de destino. A explicação para o início do fluxo migratório encontra-se na maneira pela qual a demanda de trabalhadores imigrantes é satisfeita: práticas de recrutamento são utilizadas por empregadores das sociedades desenvolvidas ou por governos para atender aos interesses desses mesmos empregadores. Fica patente que as diferenças internacionais de salário não constituem condição suficiente para que a migração ocorra, o que aponta a mudança de percepção na causalidade do fenômeno: a causa dos fluxos migratórios internacionais não está na esfera da racionalidade/esforço puramente individual, mas sim, no predomínio da crônica e inevitável demanda de trabalhadores estrangeiros (força de atração) e na primazia de fatores econômicos de natureza estrutural.

TEORIA DOS SISTEMAS MUNDIAIS

Em virtude do processo de reorganização da economia mundial, do processo simultâneo de reordenação das relações entre o centro hegemônico do capitalismo e os demais países do mundo capitalista, a *teoria dos sis-*

temas mundiais traz à luz a necessidade de tratar a migração internacional mais recente como parte de um sistema mais amplo que articula os países de origem e destino dos fluxos. Para uma explicação mais adequada sobre as origens dessa migração é preciso, portanto, compreender as diferentes formas de incorporação dos países ao sistema global (Portes, 1985).

De acordo com Portes (1985), os movimentos populacionais recentes apóiam-se na difusão das redes de comércio e de informação pelo mundo, na expansão da influência cultural dos países de destino sobre os de origem (o modo de vida americano conforma hoje um padrão global) e na ampliação das expectativas de consumo até áreas remotas do planeta. A penetração de regiões periféricas pelo capitalismo provocou desequilíbrios na estrutura socioeconômica interna dessas regiões, o que conduziu a pressões migratórias, ou seja, a emigração resulta de problemas internos que foram induzidos pela expansão do sistema econômico global.

Conforme Sassen (1988), a reorganização da economia mundial, ao longo das décadas de 1970 e 1980, contribuiu para a constituição de um espaço transnacional, no qual circulam não apenas trabalhadores, mas, sobretudo, capital, mercadorias, serviços e informação. A mobilidade do capital, mais precisamente a internacionalização da produção, tem gerado condições para a mobilidade do trabalho. Formas pronunciadas dessa internacionalização manifestam-se nos seguintes processos: I) desenvolvimento da produção para exportação, em diversos países do Terceiro Mundo, por meio de maciços investimentos estrangeiros diretos; II) a transformação de grandes cidades em centros de controle e gerenciamento do sistema econômico global (Nova York e Los Angeles, por exemplo); III) a emergência dos Estados Unidos como principal destinatário dos investimentos internacionais diretos.

Pobreza, superpopulação e estagnação econômica, presentes nos países de Terceiro Mundo, não são suficientes para explicar a origem dos fluxos migratórios internacionais. Para tanto, é preciso verificar como as formas de internacionalização da produção incorporam esses países ao espaço transnacional e, ao mesmo tempo, combinam-se com as condições de pobreza, superpopulação e estagnação econômica.

A elevação dos investimentos internacionais diretos promove as condições que facultam a emigração de países periféricos para países centrais. Esses investimentos, que procuram, nesses países periféricos, mão-de-obra barata, ensejam profundas mudanças no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, sólidas ligações culturais e materiais com os países centrais. A criação de novas aspirações de consumo, sem que as condições para sua

satisfação estejam postas, e a preferência pela mão-de-obra feminina, considerada mais maleável, leva a força de trabalho masculina a buscar alternativas de emprego para garantir a própria sobrevivência e preservar o *status* da família tradicional. Em suma, a quebra das estruturas tradicionais de trabalho, a predileção pela força de trabalho feminina na indústria, com a conseqüente queda das novas oportunidades de trabalho masculino, e o efeito generalizado de ocidentalização de tais contextos formam o quadro de rupturas que dá margem à emigração internacional (Sassen, 1988).

Ao tratar os movimentos migratórios internacionais à luz das forças econômicas de natureza global, a teoria dos sistemas mundiais confere às resultantes desses movimentos um caráter mais amplo e estrutural, pois prevalece aí o argumento de que a mobilidade da força de trabalho é regulada pela lógica de acumulação do capital, que cria, destrói e recria oportunidades de trabalho em diferentes partes do planeta. Há, nessa visão, um deslocamento da ênfase sobre a racionalidade individual para as maneiras como os meios sociais afetam e modificam os comportamentos econômicos e essa mesma racionalidade.

Se as interpretações teóricas, consideradas até aqui, sobre as causas da migração internacional, forem confrontadas ao que a experiência tem mostrado sobre deslocamentos humanos dessa natureza, aceita-se a assertiva de que o indivíduo é levado a migrar mais com base

... na proximidade das relações sociais do que na proximidade física [...], segue as rotas que foram traçadas por parentes e amigos antes dele. Vai com conhecidos, ou à procura de conhecidos, que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são os que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são as relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial. A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta por notícias, por informações, por relações. (Durham, 1984, p.138);

torna-se oportuno lançar mão de outra linha de investigação que não exclui, necessariamente, as demais: a análise de redes sociais.

ANÁLISES DE REDES SOCIAIS

A importância conferida às redes sociais, no campo dos estudos de migração, surgiu da necessidade de considerar processos sociais concretos que pudessem lançar luz sobre o caráter seletivo da dinâmica migratória.

que pudessem responder a duas questões chaves: por que alguém se torna migrante? por que algumas pessoas de um segmento populacional, sob efeito das mesmas transformações estruturais econômicas, sociais ou políticas, migram e outras não? Tais processos sociais concretos incluiriam redes institucionais e de pessoas que, operando entre as esferas micro e macro, organizariam, de fato, a migração.

De acordo com Tilly (1990), as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos nem famílias, mas, sim, conjuntos de pessoas ligadas por relações de amizade, de conhecimento, de parentesco e de trabalho. Não redutível às características (atributos) e intenções individuais, a migração deveria ser pensada como estrutura comunitária que se traslada. Os movimentos migratórios transplantam os principais segmentos das redes sociais existentes: as “redes migram”.

Para Massey *et al.* (1987), as condições que dão origem à migração podem ser totalmente diferentes das condições que a perpetuam no tempo. Ao passo que transformações estruturais nas sociedades de origem e de destino respondem pelo início dos fluxos migratórios internacionais, as redes sociais conferem a tais fluxos estabilidade, transformando-os em movimento de massa. As redes sociais mais importantes fundam-se em relações de parentesco, de amizade, de trabalho e na origem comum. Essas relações não são criadas pelo processo migratório, mas são adaptadas por ele e, no decorrer do tempo, são reforçadas pela experiência comum da migração. Assim, “a migração pode ser entendida como processo social, organizado por meio de redes forjadas por conexões interpessoais diárias, que caracterizam todos os grupos humanos” (Massey, 1987, p.169).

A teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apóia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar auto-suficiente com o tempo, por causa do capital social, que faculta, aos migrantes em potencial, contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos; oferecem aos migrantes oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no destino. À medida que as conexões interpessoais são estendidas e elaboradas, esse capital social mostra-se cada vez mais disponível ao migrante-potencial nas comunidades de origem, o que intensifica a expectativa dos retornos líquidos e reduz progressivamente os custos financeiros e físicos da migração (Massey, 1987).

METÁFORA DAS REDES SOCIAIS

A grande maioria dos estudos que se vale do arcabouço conceitual das redes sociais, para tratar os fluxos migratórios, em especial as análises que lidam com a migração internacional de brasileiros, tem como fonte inspiradora as interpretações de Tilly e Massey. Lugar comum nesses estudos é o reconhecimento de que as redes sociais são de grande importância para entender as migrações; constituem, portanto, princípio heurístico. Todavia, os discursos não passam dessa representação metafórica de redes sociais. Há certa sinonímia entre as concepções de rede social e de rede pessoal: a rede social apresenta-se como manifestação de redes pessoais cotidianas ancoradas em relações sociais de parentesco e de amizade. Além disso, o trânsito entre os conceitos de rede pessoal e rede migratória realiza-se, mais uma vez nesses mesmos discursos, de forma direta. Esta coincidência de significados constrói-se graças à recorrência com que as relações de parentesco e de amizade são apontadas como: I) causas ou intensificadoras dos fluxos migratórios — as pessoas migram por causa do suporte dado por redes pessoais; II) como responsáveis pela manutenção dos vínculos entre origem e destino, pela orientação que os fluxos assumem, pela circulação de recursos materiais e simbólicos etc. Enfim, prevalece certa imprecisão quanto aos limites conceituais de rede social, rede pessoal e rede migratória — existe alguma “promiscuidade” na utilização desses conceitos.

Não cabe dúvida sobre a importância das redes sociais para entender, em especial, as migrações internacionais. Mas é necessário ir além dessa mera indicação e estabelecer as bases iniciais da perspectiva teórica que se estrutura em consequência das imprecisões encontradas em parte da literatura sobre a temática redes sociais, redes pessoais e redes migratórias. Assim, cabe admitir que:

1. Rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais;
2. Rede pessoal representa, então, um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco etc.;
3. Rede migratória não se confunde com redes pessoais; estas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar;

4. Rede migratória, cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras; consiste, portanto, em rede de redes sociais;
5. O entendimento da cultura como sistema simbólico, como teias de significados tecidas pelo homem e nas quais ele está enredado (Geertz, 1989), a compreensão de que o comportamento humano é guiado pelas simbolizações da própria cultura,³ de que a ação social é guiada pelas afirmações genéricas e particulares que os atores fazem uns aos outros sobre o comportamento, sugerem que a rede social funcione como circuito em que as representações são negociadas (Hammel, 1990). Logo, da rede migratória fazem parte certas representações sociais que constituem o cerne da cultura migratória;
6. Precisar os suportes teóricos que distinguem a maneira pela qual o tratamento é dado pela análise de redes aos fenômenos sociais, por consequência, à migração, do tratamento dado pela investigação sociológica convencional é o que agora se impõe.

ANÁLISE DE REDES: O OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES

Uma rede consiste num conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) ligados por um tipo específico de relação. A diferentes tipos de relações, correspondem redes diferentes, ainda que o conjunto de atores seja o mesmo.⁴ A rede, porém, não é consequência, apenas, das relações que de fato existem entre os atores; ela é também o resultado da ausência de relações, da falta de laços diretos entre dois atores, do que Burt (1992) chama de “buraco estrutural”.⁵

3. É o comportamento avaliativo dos atores, jogando incessantemente com variações sobre os temas fornecidos pelo estoque cultural corrente, que cria e recria a cultura como um sistema elaborado e constantemente modificado de símbolos (Hammel, 1990).

4. “... é improvável que, para o conjunto de trabalhadores de determinada empresa, a rede de conselhos, a rede de amizade e a rede de autoridade sejam a mesma coisa” (Knoke e Kuklinski, 1982, p.12).

5. “Por exemplo, prestar atenção apenas nas conexões que se manifestam pela fofoca, em uma comunidade, e não considerar os buracos estruturais, que resultam da ausência de ligações, pode levar a um entendimento impreciso de como se espalham ou se evaporam os rumores” (Knoke e Kuklinski, 1982, p.11).

Vale lembrar que as redes podem ser compostas de atores de natureza diversa. Num extremo, elas consistem de símbolos constantes em textos ou de símbolos presentes em verbalizações; noutra extremidade, de estados que integram um país ou de países que compõem o sistema mundial. As redes podem, então, ser tão pequenas quanto uma sala de aula do ensino fundamental, ou tão grandes, como o conjunto dos países (Hanneman, 2001).⁶

RELAÇÕES E ATRIBUTOS

É evidente que a organização do mundo social, com base em atributos, muito difere de uma organização que se debruça sobre as relações. Atributos são qualidades inerentes à unidade que não dão conta das relações dessa mesma unidade com outras unidades ou com o contexto social específico dentro do qual elas, qualidades, são observadas. A construção de categorias *a priori*, que agrega indivíduos de acordo com sexo, idade, classe econômica etc., fundamenta-se no pressuposto de independência estatística — o pressuposto de dependência resultaria em viés — e na intenção de determinar a força do relacionamento entre certas variáveis. Logo, a análise se faz sobre as relações entre variáveis e não entre atores; e, apesar das sofisticadas interpretações baseadas em atributos que as técnicas de pesquisa têm oferecido, não se pode esquecer que essas interpretações dependem da forma como são agrupados os eventos.⁷

Uma relação não é uma característica intrínseca ao ator considerado isoladamente, corresponde a uma propriedade que emerge dos laços entre dois ou mais atores: as relações dependem de contextos sociais específicos e são alteradas ou desaparecem se um ator é removido da interação com outros atores (a relação professor/aluno não existe fora do cenário esco-

6. A título de ilustração, poder-se-ia considerar, como exemplo de rede, o fluxo comercial de 50 mercadorias diferentes (café, açúcar, chá etc.) entre 170 países do sistema mundial, em determinado ano. Nesse caso, os 170 países despontam como atores e a quantidade de cada mercadoria exportada de um país para os 169 restantes, como a força do laço existente entre eles. (Hanneman, 2001).

7. “Se um pesquisador está classificando indivíduos em categorias sociais e descobre que uma de suas variáveis não tem efeito sobre, por exemplo, a prática religiosa, ele ainda não pode concluir, definitivamente, que sua variável não afeta a prática religiosa. Afinal, o agrupamento realizado pode simplesmente não funcionar. Outros agrupamentos poderiam mostrar efeitos significantes” (Degenne e Forsé, 1999, p.2).

lar; a relação marital desaparece com a morte de um dos cônjuges ou com o divórcio); os atributos permanecem em diferentes contextos sociais — idade, sexo ou renda não mudam se o indivíduo está em casa, no trabalho ou na igreja — (Knoke e Kuklinski, 1982).

As relações entre os atores de uma rede apresentam forma e conteúdo. O conteúdo é dado pela natureza dos laços (parentesco, amizade, poder, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva etc.); e a forma da relação compreende dois aspectos básicos: I) a intensidade ou a força do laço entre dois atores; II) a frequência e o grau de reciprocidade com que esse laço se manifesta. Logo, conceitualmente, duas relações de conteúdo distinto podem apresentar formas idênticas (Knoke e Kuklinski, 1982).

ESTRUTURA E EFEITOS EMERGENTES

A análise de redes considera as relações, estabelecidas entre os atores sociais, como blocos de construção da estrutura social e entende que o ambiente social se expressa pelos padrões ou regularidades presentes nessas relações. Esse tipo de análise estaria voltado, então, para o padrão regular de relações entre as posições ocupadas pelos atores — estrutura social — e para os fluxos relacionais que determinam a posição estrutural de cada um dos atores dentro da rede.

Dois pressupostos relevantes sobre o comportamento social incorporam a análise de redes: I) os atores, freqüentemente, participam de algum sistema social que comporta muitos outros atores, estes são importantes pontos de referência para tomar decisões; II) num sistema social, a estrutura, as regularidades presentes nos padrões relacionais dos atores/nós, manifesta-se em vários níveis. Esses pressupostos remetem ao papel central que a organização das relações sociais desempenha na análise das propriedades estruturais das redes nas quais se inserem os atores, bem como na identificação dos fenômenos sociais emergentes, que não têm existência na esfera individual.

A compreensão de que o mundo social se constrói com base em relações sociais que possuem propriedades estruturais, que admitem dinâmica própria e temporalidade social, manifesta-se no conceito de análise de redes proposto por Degenne e Forsé (1999, p.1): "... conjunto de métodos voltado para o estudo sistemático das estruturas sociais".

CONSTRANGIMENTO FORMAL E RACIONALIDADE RELATIVA

É conhecida a oposição entre os interacionistas (subjetivistas) e os estruturalistas (objetivistas). Os interacionistas privilegiam a experiência vivida dos indivíduos, reduzem o funcionamento da sociedade às interações e procuram entender o que essas interações significam para a construção mental e prática das realidades sociais. Nessa perspectiva, o real seria o que as pessoas definem como tal, isto é, o mundo social é reduzido às representações que dele fazem os agentes, e então a tarefa da ciência social consistiria em produzir uma explicação das explicações produzidas pelos sujeitos sociais (Bourdieu, 1990).

O estruturalismo alinha-se contra a interpretação da realidade como devir, desenvolvimento ou progresso; concebe essa realidade como um sistema relativamente constante e uniforme de relações. O sistema não é, porém, considerado estático; essa vertente teórica subordina a concepção diacrônica do mundo social à sincrônica e admite que as transformações nas relações constitutivas de um sistema são oscilações em torno dos limites dados pelo próprio sistema. E mais, o estruturalismo afirma a prioridade das estruturas sociais em relação às escolhas individuais; deduz as ações e interações sociais da estrutura, isto é, percebe a estrutura social como um conjunto de padrões de relacionamento, dotados de uma existência própria e independente dos indivíduos ou grupos que nela ocupam posições. Os estruturalistas buscam apreender relações objetivas, sem considerar as consciências e vontades individuais; entendem, portanto, que a vida social deveria ser explicada, como dizia Durkheim, não pela concepção que fazem dela os agentes, mas pelas causas profundas que escapam à consciência (Abbagnano, 1982).

A análise de redes trabalha na articulação da perspectiva estrutural e da individual. Assim, o forte determinismo que afirma a prevalência das estruturas sociais sobre as ações individuais (concepção estruturalista) é incompatível com a análise de redes, porque "... conduz a uma identificação *a priori* da estrutura e estabelece uma causalidade abstrata entre a própria estrutura e os indivíduos, isto é, desconsidera as relações sociais concretas" (Degenne e Forsé, 1999: p.6). Daí que, em vez de forte, a análise de redes sugere um fraco determinismo, fundado em duas proposições: I) a estrutura não pode ser reduzida à soma das ações individuais; II) o constrangimento estrutural é meramente formal, não-absoluto — deixa o indivíduo "livre" para atuar, mas restringe algumas de suas opções.

A estrutura, entendida como a presença de padrões regulares nas relações entre os atores, e como constrangimento, varia dramaticamente na forma: vai da configuração isolada, na qual o ator não está conectado a nenhum outro ator, à saturada, na qual cada ator está diretamente ligado a todos os outros atores da rede. A forma da rede, manifestação gráfica das relações sociais empíricas, constitui um instrumento heurístico a que recorre a análise de redes, para explicar certos fenômenos sociais.

Tal concepção da estrutura social liga-se, muito estreitamente, ao uso que dela foi feito no campo antropológico pela tradição empirista, representada por Radcliffe-Brown (1973), ao mesmo tempo em que se afasta da noção mais “abstrata”, defendida por Lévi-Strauss (1980). Ao passo que Radcliffe-Brown compreendia a estrutura social como a trama de todas as relações observadas numa sociedade, em dado momento, que a identificava ao conjunto das próprias relações sociais; Lévi-Strauss entende que “... as estruturas não são realidades diretamente visíveis ou observáveis, mas níveis de realidade que existem além das relações visíveis (...) e cujo funcionamento constitui a lógica mais profunda do sistema social” (Bottomore, 1988, p.141). Neste caso, as relações sociais são a matéria-prima empregada para a construção de modelos que tornam manifesta a estrutura social propriamente dita: a noção de estrutura social não diz respeito à realidade empírica, mas às elaborações teóricas capazes de dar sentido a essa mesma realidade (Lévi-Strauss, 1980).

A proximidade entre as noções de estrutura de Radcliffe-Brown e da análise de redes⁸ não deve conduzir à suposição de que, neste recorte analítico, não é dada suficiente atenção aos aspectos diacrônicos da realidade, à mudança social: a estrutura é aí concebida, também, como resposta dinâmica às interações individuais. Resta saber que princípios do individualismo metodológico são incorporados ao arcabouço conceitual da análise de redes.

O individualismo metodológico acomoda dois paradigmas: o individualismo intencional e o individualismo estrutural. Filho da economia liberal e neoliberal utilitarista, o primeiro paradigma sustenta que o indivíduo racional busca o próprio interesse e toma decisões que permitem elevar, ao máximo, a própria utilidade. Esse interesse individual é, por definição, objetivo e inevitavelmente exógeno; assim, as decisões seriam tomadas numa espécie de vácuo social (Degenne e Forsé, 1999).

8. A proximidade entre as noções de estrutura de Radcliffe-Brown e da análise de redes foi defendida, inicialmente, pelo professor do departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, Leonardo Hipólito Genaro Figoli.

Estranha ao entendimento de que os indivíduos tomam decisões como átomos individuais ou representam, às cegas, papéis atribuídos aos membros de dada categoria, a análise de redes volta-se para os pressupostos do individualismo estrutural. De acordo com este paradigma, os atores não são guiados apenas pelo auto-interesse objetivo, mas também pelo auto-interesse subjetivo: a racionalidade absoluta do individualismo cede lugar à racionalidade relativa. Assim, “... o *homo economicus* é capaz de altruísmo; pode imitar seus vizinhos. O conformismo total é racional com a opção de alguém que não busca se informar. Pode prevalecer, na decisão, o entendimento de que é melhor errar junto, do que acertar sozinho” (Degenne e Forsé, 1999, p.9).

Menos restritiva, a interpretação individual-estruturalista não exclui os interesses determinados endogenamente; assume que o ator se move dentro de uma lista predeterminada de preferências e faz a melhor escolha possível, com os meios de que dispõe, até mesmo no domínio especial das relações sociais. Três proposições delimitam o *status* epistemológico da racionalidade relativa:

1. Indivíduos atuam para alcançar seus objetivos, com base nas preferências pessoais;
2. Constrangimentos interferem na ação, pois influenciam a probabilidade de alcançar alguns desses objetivos — os constrangimentos são estruturais;
3. “Os constrangimentos induzem os indivíduos a atuar de maneira mais consistente com as próprias preferências e, assim, a atingir seus objetivos” (Degenne e Forsé, 1999, p.9).

Sem o princípio da racionalidade relativa, as redes sociais poderiam ser consideradas como verdadeiras caixas pretas; aceitar esse princípio constitui, portanto, esforço heurístico, que traz as relações sociais para o campo analítico e, sobretudo, significa reconhecer que as escolhas relacionais, em determinada estrutura social, não encontram explicação, caso não se leve em conta o fato de que o ator compara vantagens e desvantagens, antes de selecionar o curso da própria ação.

Ganha expressão, no conceito de circularidade, a natureza da articulação que se estabelece entre o fraco determinismo e a racionalidade relativa. Circularidade significa, para a análise de redes, que a estrutura determina e é determinada pelas interações entre os atores; que a estrutura é, ao mesmo tempo, constrangimento “formal” e efeito das interações. E mais, “... qualquer estrutura está sempre inserida numa estrutura maior,

que consiste de todas as influências que escapam ao modelo” (Degenne e Forsé, 1999, p.10).

Além de estabelecer uma ponte entre a formulação estruturalista (objetivista) e a interacionista (subjetivista), a análise de redes dedica atenção aos mecanismos de mudança — efeitos emergentes. Entende que as alternativas de ação dos atores são socialmente estruturadas, porém, aceita que a posição estrutural de um ator em determinada rede pode mudar e que, com isso, dependendo das interações entre os demais atores resultantes dessa mudança de posição estrutural, a rede está sujeita a alteração.

Essa visão mais dinâmica do comportamento social não está de acordo com o que se entende por sistema linear — fundamentado na compreensão de que a interferência num dos componentes de qualquer sistema provoca alterações sistêmicas proporcionais à intensidade dessa interferência — e sim, com o que é conhecido por sistema não-linear — baseado no entendimento de que o conjunto de interações dos componentes sistêmicos enseja equilíbrios instáveis: pequenas transformações num desses componentes podem levar a drásticas mudanças de todo o sistema. A perspectiva dos sistemas não-lineares apreende o mundo social como imensa rede de interações na qual nada se pode definir de maneira absolutamente independente — as propriedades não estão nos atores, mas entre os atores; o comportamento de qualquer ator é definido por suas conexões com o resto do sistema.

Enfim, cabe conceber as redes sociais como sistemas não-lineares, abertos, que, embora comportem regularidade/estabilidade, são suscetíveis à mudanças, apresentam plasticidade. Na sua instância objetivista, as redes constituem expressão formal da estrutura social — regularidade nos padrões de relações entre atores concretos —, são topologias de interação social, porque servem à análise de situação e à análise das posições relativas dos atores e das relações objetivas entre essas posições.

SINGULARIDADES DA EMIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE VALADARES

Lançadas as premissas teóricas do debate que se estabelece entre a corrente neoclássica, a estruturalista, a do mercado dual de trabalho e a dos sistemas mundiais sobre os determinantes da migração internacional;

dedicada atenção ao esforço de construção do trânsito entre a perspectiva “estruturalista” e a “subjetivista” empreendido pela análise de redes sociais, torna-se necessário expor as singularidades da emigração internacional valadarense, em especial, as que dizem respeito aos nexos entre essa emigração e a rede migratória internacional originada em Valadares.

DESTINO E PERIODIZAÇÃO DO FLUXO MIGRATÓRIO INTERNACIONAL VALADARENSE

A emigração de valadarenses para outros países, especialmente para os Estados Unidos, tem merecido a atenção de pesquisadores desde o final da década de 1980. Goza (1992), em pesquisa realizada com os imigrantes brasileiros residentes nas cidades de Toronto, Ontário e Cidade Congelada (pseudônimo utilizado para designar uma localidade ao norte dos EUA), verificou que mais de 17% dos imigrantes contemplados por sua amostra tinham saído do município de Governador Valadares, percentual que atingia 20% quando consideradas as comunidades situadas a um raio de 100Km desse município; já a participação de todos os imigrantes originários do estado de Minas Gerais foi de 64% do conjunto amostral trabalhado.

Com relação aos brasileiros residentes na cidade de Framingham (situada a pouca distância de Boston, essa região é conhecida pela concentração de emigrantes brasileiros), a pesquisa de Bicalho (1989) revela percentuais bem maiores do que os encontrados por Goza (1992): 89% dos entrevistados procediam de Minas Gerais e desse percentual 42% dos mineiros tinham saído do município de Governador Valadares.

Conforme a pesquisa de Soares (1995), a distribuição dos emigrantes valadarenses,⁹ de acordo com o período em que se deu a primeira experiência migratória para outros países (Tabela 1), mostra que o fluxo teve início nos anos 1960 e sofre aumento expressivo na primeira metade da década de 1980. Só na segunda metade dessa década estão concentrados 43,6% do total de “valadarenses” que emigraram.

9. Para Soares (1995), o conceito de emigrante valadarense, unidade de estudo, abrangeu todas as pessoas que residiam ou residiram na sede do município de Governador Valadares, em algum momento do tempo, antes de sair para morar e/ou trabalhar em país estrangeiro.

Tabela 1 — Governador Valadares, emigrantes internacionais, segundo período em que se deu a primeira experiência migratória internacional, 1960/1993

Período	Emigrantes	
	Absoluta	%
1960/1969	6	1,7
1970/1974	14	3,7
1975/1979	11	3,0
1980/1984	55	15,0
1985/1989	161	43,6
1990/1993	73	19,7
Período ignorado	23	6,3
Sem informação	26	7,0
Total	369	100

Fonte: Soares, 1995.

No tocante às direções tomadas pelo fluxo de emigrantes “valadarenses”, na primeira vez em que saíram para o estrangeiro, é preciso lançar mão das informações constantes na Tabela 2. Os dados revelam que 82% dos emigrantes internacionais escolheram como país de destino os EUA; em segundo lugar vem Canadá, ao passo que outros países tiveram participação pouco expressiva no âmbito dessa escolha.

Tabela 2 — Governador Valadares, emigrantes internacionais, segundo país escolhido na primeira experiência migratória internacional, 1960/1993

País	Emigrantes	
	Absoluta	%
EUA	303	82,0
Canadá	15	4,0
Austrália	5	1,3
Países da Europa	10	2,7
Japão	5	1,3
Outros	6	1,7
Sem informação	26	7,0
Total	369	100

Fonte: Soares, 1995.

A absoluta liderança exercida pelos Estados Unidos da América na preferência dos emigrantes “valadarenses” remete a intensas ligações mantidas pelo município de Governador Valadares com esse país: durante a Segunda Guerra, a economia valadarensense foi impulsionada pelo comércio da mica, que, sendo importante para a indústria bélica, trouxe firmas americanas para a cidade — a comercialização e o apoio técnico às oficinas de beneficiamento desse produto eram realizados por tais firmas. Nesse mesmo período, as modificações no traçado da Estrada de Ferro Vitória-Minas, que sairia do centro da cidade, eram realizadas também por intermédio de uma companhia americana. A presença dos Estados Unidos em Valadares manifesta-se ainda na construção do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP): “... criado em 1942 por um convênio Brasil — EUA para extinguir a malária nessa região mineira” (Assis, 1995, p.53). Esses três fatos colocaram os valadarenses em contato com os americanos e sua cultura. Portanto, foram os vínculos estabelecidos historicamente com os EUA que permitiram a construção, em Valadares, de laços sociais norteadores da opção migratória. Os Estados Unidos da América passam a ser, do “mundo estrangeiro”, a referência mais concreta; tornam-se parte da vida e reduto de esperança, cujas raízes assentam-se nesses contatos que têm início na década de 1940. Com mais propriedade, pode dizer-se que esse espaço específico (Estados Unidos da América) incorpora-se à extensão do conhecimento geográfico da sociedade valadarensense, torna-se “conhecido”, facilitado, mais presente; já não faz parte de um mundo qualquer, ganha contornos definidos nas relações que se estreitam comercialmente. Enfim, os EUA constituem elemento básico do volume mental valadarensense; referência geográfica concreta que enseja uma cultura migratória¹⁰ peculiar.

Todavia, cabe o alerta de que o importante não é a presença estrangeira por si mesma, em determinado lugar, mas, sim, a natureza da presença, ou melhor, das relações que se estabelecem entre os nativos e os estrangeiros, da configuração assumida pela rede social. É oportuno lembrar, por exemplo, que a presença americana, por ocasião da Segunda Guerra, na região do Parnamirim, próxima a Natal — aí se instalou uma base militar aeronaval que abastecia as tropas americanas e controlava as comunicações com o norte da África —, não resultou em emigração internacional para os Estados Unidos: a pesquisa de Bicalho (1989), de Margolis (1994) e de Martes (2000), nos EUA, não registrou a presença de emigrantes brasileiros do Rio Grande do Norte.

10. Expressão cunhada pelo cientista político Wayne Cornelius (Margolis, 1994).

O EMIGRANTE VALADARENSE E O MERCADO DE TRABALHO AMERICANO

A inserção do migrante valadarense no mercado de trabalho americano proporciona-lhe elevação de renda — 42% dos emigrantes brasileiros do sexo masculino ganhavam entre 500 e 1.000 dólares por mês; os que residiam por mais de seis meses (51,7%) conseguiram economizar de 300 a 1.000 dólares mensalmente (Goza, 1992) — e permite que remessas frequentes de moeda estrangeira cheguem a Valadares. Segundo Margolis (1994, p.164), os mineiros residentes em Nova York são os que mais enviam dinheiro para o Brasil: na agência de remessas dessa cidade, com filiais em todo o nordeste dos EUA, “... cerca de 50% de todas as remessas para o Brasil vão para Governador Valadares e cidades vizinhas”.

A remessa de parte considerável da renda pessoal do emigrante para Valadares dinamiza, por causa das condições de troca mais favoráveis da moeda estrangeira, atividades econômicas locais, como é o caso do setor imobiliário — “os emigrantes foram responsáveis, em Valadares, por 36% do total de transações realizadas com terrenos, com casas, com apartamentos e com comércios: mais de um terço de todas as operações imobiliárias entre 1984 e 1993, incluindo os extremos” (Soares, 1995, p.59) —, das agências de turismo e das agências de falsificação de documentos necessários para realizar a migração internacional.

REDE MIGRATÓRIA – AGÊNCIAS E AGENTES

O papel representado pelas agências de turismo na composição da base monetária utilizada pelo emigrante para arcar com os custos de viagem foi pouco expressivo, 3,3% (Tabela 3). Já os percentuais correspondentes às redes pessoais mostram que 52,4% dos emigrantes conseguiram cobrir os custos de viagem por intermédio de empréstimos ou doações de parentes ou amigos; tanto dos que residiam na origem (39,7%), quanto dos que moravam no destino (12,7%).

Na mesma direção apontam os dados fornecidos por Margolis (1994): em Nova York, 69% dos emigrantes brasileiros receberam apoio dessa rede para se estabelecerem. Bicalho (1989) encontra percentual superior para seu corpo de entrevistados: 83,8% dos emigrantes contaram com o auxílio de um parente, de um amigo ou conhecido; a situação de dependência em que eles se encontram ao chegar em território americano — 88,8% possuem total desconhecimento da língua — torna indispensável

Tabela 3 — Governador Valadares, emigrantes internacionais, segundo forma utilizada para remeter dinheiro, 1969/1993

Cobertura dos custos	Emigrantes	
	Absoluta	%
Recurso próprio	104	28,3
Doação ou empréstimo de amigos ou parentes de Valadares	146	39,7
Doação ou empréstimo de amigos ou parentes residentes no estrangeiro	47	12,7
Empréstimo de agências de turismo	12	3,3
Empréstimo de agenciador particular	3	0,7
Não sabe	26	7,0
Outros	5	1,3
Sem informação	26	7,0
Total	369	100

Fonte: Soares, 1995.

esse tipo de ajuda. Assim, parece razoável admitir que, na pauta de escolhas territoriais desse migrante, a proximidade das relações sociais prepondera sobre a proximidade geográfica (Durham, 1984).

Em relação ao fluxo de moeda estrangeira, o desempenho das agências de turismo foi significativo, pois, como se vê na Tabela 4, elas intermediaram 57,4% das remessas feitas para Valadares, facilitando no tempo e no espaço esse fluxo — os amigos e parentes ocupam o segundo lugar nessa relação, respondendo por 10% das remessas. Além disso, as agências contribuíram para dar continuidade à emigração internacional valadarense, porquanto, como registra a Tabela 3, parte do pecúlio, obtido por parentes e amigos em terras estrangeiras, foi utilizado para financiar o projeto migratório dos que ainda se encontravam em território valadarense.

Tabela 4 — Governador Valadares, emigrantes internacionais, segundo forma utilizada para remeter dinheiro, 1960/1993

Remessa de dinheiro	Emigrantes	
	Absoluta	%
Pessoal	21	9,0
Parentes ou amigos	23	10,1
Cheques de viagem	6	2,7
Agências de turismo	133	57,4
Agências de correio	6	2,7
Não sabe	37	16,0
Outra	5	2,1
Total	231	100

Fonte: Soares, 1995.

A lucratividade¹¹ gerada por essa prática de intermediar tanto o fluxo de emigrantes internacionais quanto o de moeda estrangeira manifesta-se pelo progressivo aumento do número de agências de turismo em Valadares. A Tabela 5 apresenta a distribuição dessas agências de acordo com o surgimento no tempo e revela a coincidência entre o período em que se estabelece o maior número delas e o período em que a emigração foi mais intensa: 60% das agências surgiram entre 1985 e 1989, incluindo os extremos, e 43,6% dos emigrantes saíram de Valadares nesse mesmo recorte temporal (Tabela 1). Em 1991, Valadares, que abrigava cerca de 210 mil habitantes, contava com o total de 45 agências de turismo.

Tabela 5 — Governador Valadares, agências de turismo, segundo surgimento no tempo, 1975/1993

Período	Agências de turismo	
	Absoluta	%
1975/1979	1	3
1980/1984	3	6
1985/1989	27	60
1990/1994	14	31
Total	45	100

Fonte: Soares, 1995.

Importa registrar que o fluxo internacional de pessoas oriundo do estado de Minas Gerais, em especial os valadarenses, ocorre exatamente numa fase de fechamento quase completo a entrada de imigrantes, imposta pelos Estados Unidos, (Margolis, 1994; Sales, 1995; Martes, 2000), por meio da adoção de uma legislação cada vez mais restritiva. Com isso, o fluxo migratório vai adquirindo caráter irregular/ilegal que varia, em grau, de acordo com as dificuldades enfrentadas pelo emigrante para pisar em solo estrangeiro. A primeira dimensão desse caráter irregular implica a consecução de um visto de turista com a intenção de permanecer e trabalhar no país de destino; a segunda envolve o preparo de documentação fraudulenta para conseguir o visto (a irregularidade ganha consistência material); e, por último, está a dimensão mais arriscada: a travessia clandestina da fronteira.

11. De acordo com informações obtidas em Valadares, Margolis (1994, p.164) afirma que a "... maior agência de remessa na cidade recebia quase 1 milhão de dólares por mês..."

As agências de falsificação de documentos,¹² que surgem na esteira dos entraves legais à entrada de imigrantes nos Estados Unidos, da cultura migratória que inscreve a migração internacional no universo simbólico dos valadarenses, das remessas de dólares que chegam a Valadares, podem receber, conforme Margolis (1994) e Martes (2000), até 4.000 dólares pelos seguintes serviços: I) obtenção de papéis que comprovem a propriedade de uma casa ou outro bem de valor pelo emigrante, que demonstrem que ele tem bom emprego; II) forjamento de extratos bancários com grandes somas de dinheiro que o emigrante não possui; III) adulteração de certidões de nascimento para esconder a origem valadarense; IV) falsificação de passaportes.

Não resta dúvida, entretanto, sobre a importância das redes sociais para a consecução do projeto de migrar. Ao serem acionadas, as relações de amizade ou de parentesco, que preexistem à migração, atualizam o compromisso, a confiança mútua, a história pregressa, a origem comum etc., e fundamentam a rede migratória. Além desse fundamento, a especificidade da rede migratória internacional, originária de Valadares, revela-se por outros elementos que a integram, a saber: I) certas representações sociais que constituem o cerne da cultura migratória; II) as informações, muitas vezes positivas, transmitidas por certos meios de comunicação de massa valadarenses sobre a emigração internacional; III) as agências de turismo; IV) as agências de falsificação de documentos.

As remessas de dólares para Valadares e o caráter ilegal que vai adquirindo o fluxo migratório internacional tornam a intermediação de ambos os fluxos, tanto o de moeda estrangeira quanto o de emigrantes, um bom negócio. Daí, à esfera regida por laços de parentesco, amizade, origem comum etc., agregam-se elementos/agentes de natureza institucional, empresarial que, em razão do lucro relacionado a essa intermediação dupla, expandem-se ao longo do tempo. É o que se verifica no tocante ao grande aumento do número de agências de turismo, em especial na segunda metade da década de 1980, e ao surgimento das agências de falsificação de documentos em Valadares. Enfim, o processo é singular e qualitativamente relevante porque, no caso valadarense, o êxito da migração internacional depende tanto da existência de laços pessoais entre os emigrantes quanto da ação empresarial das agências criadas a mercê dessa mesma migração.

12. Conjunto ao qual Margolis (1994) dá o nome de indústria de falsificação de passaportes.

CONCLUSÃO

As singularidades da emigração internacional de Valadares encontram balizas nas seguintes características: I) o fluxo migratório sofreu um expressivo aumento na segunda metade da década de 1980; II) os Estados Unidos obtiveram preferência quase absoluta dos emigrantes como país de destino; III) foram os vínculos econômicos estabelecidos historicamente com os Estados Unidos que permitiram a construção, em Valadares, de laços sociais norteadores dessa opção migratória; IV) a rede de parentes e amigos teve grande peso na cobertura dos custos de viagem; V) as agências de turismo exerceram papel fundamental na intermediação tanto da emigração internacional quanto da remessa de moeda estrangeira para Valadares; VI) as agências de falsificação de documentos surgiram na esteira dos entraves legais à entrada de imigrantes nos Estados Unidos; VII) além das relações de amizade e de parentesco, integram a rede migratória internacional a cultura migratória e as informações positivas sobre a emigração internacional de Valadares, as agências de turismo e as agências de falsificação de documentos.

Quando as especificidades da rede migratória internacional originada em Valadares são confrontadas com o debate que se estabelece entre a corrente teórica neoclássica, a estruturalista, a do mercado dual de trabalho e a dos sistemas mundiais sobre as causas da migração internacional e, por último, com os princípios teóricos e metodológicos que sustentam a análise de redes sociais cabe afirmar que:

1. embora a migração esteja claramente associada às diferenças salariais, não são elas suficientes para dar conta da complexidade que o fenômeno migratório internacional abriga: basta lembrar as políticas restritivas criadas, em passado recente, pelos países centrais, à entrada de migrantes. A experiência tem mostrado que os migrantes não respondem mecanicamente às diferenças nas taxas salariais e de emprego — não estão imbuídos das mesmas motivações nem enfrentam os mesmos obstáculos; os contextos sociais, econômicos, históricos, culturais e políticos nos quais as decisões de migrar são tomadas diferem;
2. constrangimentos estruturais que levam a expulsão da mão-de-obra, tais como pobreza ou privação econômica estrutural relacionada a níveis baixos de produtividade e elevadas taxas de crescimento demográfico, não se apresentam como causas bastantes da emigração internacional valadarense, quando se observa que outras regiões pobres, no Brasil, não estão mandando gente para o estrangeiro;

3. contra a teoria do mercado dual do trabalho depõem: a) o fato de que a emigração mais recente da força de trabalho de alguns países (caso do Brasil), em especial a que apresenta caráter clandestino, ilegal, foi iniciada sem o esforço de recrutamento dos países de destino; b) a desconsideração da natureza histórica do recrutamento, dos contextos históricos específicos em que a migração ocorre; c) a convicção de que origem e destino constituem recortes territoriais autônomos, o que permitiria reconhecer a demanda gerada pela estrutura produtiva das sociedades industriais de destino como causa primeira dos fluxos migratórios internacionais;
4. não se pode, também, tomar a quebra de estruturas tradicionais de trabalho e a predileção pela força de trabalho feminina, com a conseqüente queda das oportunidades de trabalho masculina, provocadas pela internacionalização da produção, pelos investimentos internacionais diretos nos países do “Terceiro Mundo”, como explicação plausível para a migração internacional valadarense: a microrregião de Valadares não tem sido objeto de investimentos internacionais diretos.

Se o alcance explicativo dessas teorias que se debruçam sobre as causas da migração internacional é limitado em face da realidade valadarense, resta lançar mão do arcabouço conceitual oferecido pela análise de redes.

O ambiente social pode ser apreendido como um conjunto de redes de interação no qual nada se manifesta de maneira absolutamente independente — o comportamento de qualquer ator depende das relações/conexões que ele mantém com o resto desse mesmo ambiente/sistema. Suscetíveis à alterações ao longo do tempo, as redes são dinâmicas, possuem dimensão processual e histórica, apresentam natureza “pervasiva”, interpenetram-se, coexistem e expressam as regularidades presentes nas interações sociais.

Cada uma das redes que integra certo ambiente social define-se por um tipo de relação que a fundamenta; funciona como circuito de tráfego nesse ambiente, como trajetórias relacionais possíveis que ligam certos atores (uma rede de amizades comporta, por via de regra, poucos atores), fornece oportunidades e constrangimentos à ação individual. Esta não é, portanto, uma ação “surrealista”; inscreve-se na pauta de práticas sociais construída, é claro, socialmente — o ator serve-se de uma lista de prováveis opções e faz a melhor escolha de acordo com os meios de que dispõe.

Assim, o ambiente social joga um papel efetivo no caso da migração internacional, porque ela só ocorre de fato se a rede social a que pertence determinado ator propicia o conjunto de laços/conexões que permita levá-

la a efeito. Rede social essa que abriga várias redes sociais e adquire a instância de rede migratória em virtude do processo em torno do qual ela se organiza. A rede migratória internacional é um tipo específico de rede social — da qual fazem parte certas representações sociais que constituem o cerne da cultura migratória — que agrega redes sociais existentes, redes pessoais, por exemplo, e enseja a criação de outras redes, como é o caso das agências de falsificação de documentos; consiste, portanto, em rede de redes sociais.

As redes sociais que integram a rede migratória internacional atuam consoante lógicas próprias. Pelo seu caráter qualitativamente distinto no âmbito da experiência migratória internacional vale ressaltar que, em Valadares, as agências de “turismo” e as agências de falsificação de documentos ganham existência e se ampliam no decorrer do tempo em razão do lucro obtido com uma dupla intermediação, a do fluxo de dólares e a do fluxo de emigrantes internacionais. À esfera regida por laços de parentesco, amizade, origem comum etc., agregam-se elementos/agentes de natureza institucional, empresarial que, no caso valadarense, desempenham papel fundamental para o êxito da migração internacional.

Enfim, não é a rede pessoal do ator que determina a migração, mas são as articulações estabelecidas por essa rede com outras redes sociais organizadas consoante o princípio compartilhado de migrar, em associação com fatores de ordem social, econômico, político, simbólico, afetivo etc., que tornam a migração provável: em Valadares, se o migrante potencial não estiver inserido na rede migratória internacional, se a rede pessoal dele não abrigar os laços/conexões que permitem acionar essa rede migratória é pouco provável que a migração se dê; é preciso que o ator tenha os laços “certos” com os atores “certos”. Enfim, a migração internacional depende, no caso valadarense, do perfil das conexões/laços da rede social da qual toma parte o ator; depende da posição estrutural que os fluxos “relacionais” conferem a ele nessa rede social, isto é, a rede social da qual o ator participa deve comportar vínculos que o inscrevam na rede migratória internacional para a consecução do migrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- ASSIS, Gláucia. “Estar aqui..., estar lá... Uma cartografia de vida entre dois lugares”. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- BICALHO, José Vitor. *Yes, eu sou brazuca*. Governador Valadares, Ibituruna, 1989.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- . *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 1996.
- BRIGGS, John. e PEAT, F. David. *A sabedoria do caos: Sete lições que vão mudar sua vida*. Rio de Janeiro, Campus, 2000.
- BURT, Ronald S. *Structural holes: The social structure of competition*. Cambridge, Harvard University Press, 1992.
- DEGENNE, Alan. e FORSÉ, Michel. *Introducing social networks*. London, SAGE Publications, 1999.
- DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- GAUDEMAR, Jean-Paul. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa, Estampa, 1977.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- GOZA, Franklin. “A imigração na América do Norte” In *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v.9, n.1, 1992, p.65-82.
- GREENWOOD, Michael J. “Migrações internas nos Estados Unidos, Uma revisão da literatura” In MOURA, Hélio de (coord.). *Migrações internas, Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, t.2, 1980, p.467-536.
- HAMMEL, E. A. “A theory of culture for demography” In *Population and development review*, 16 (3), 1990, p.455-85.
- HANNEMAN, Robert. *Introduction to social network methods*. Disponível em, <<http://wizard.ucr.edu/~rhannema/index.html#news>>. Acesso em, 21 junho 2001.
- HARRIS, John H. e TODARO, Michael P. “Migração, desemprego e desenvolvimento, Uma análise com dois setores” In MOURA, Hélio A. de (coord.). *Migrações internas: Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, 1980. t.1, p.73-209.
- KNOKE, David. e KUKLINSKI, James. *Network analysis*. Beverly Hills, Sage Publications, 1982.
- KRITZ, M. Mary. e ZLOTNIK, Hania. “Global interactions: Migration systems, processes, and policies” In KRITZ, Mary M., LIM, Lin Lean; e ZLOTNIK, Hania (ed.). *International migration systems: A global approach*. Oxford, Clarendon Press, 1992. p.1-16.

- LEE, Everet S. "Uma teoria sobre a migração" In MOURA, Hélio A. de (coord.). *Migrações internas: Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, 1980. t.1, p.89-114.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A noção de estrutura em etnologia", "Raça e história" e "Totemismo hoje" In *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEWIS, W. Arthur. "El desarrollo economico con oferta ilimitada de trabajo" In AGARWALA, A. N. e SINGH, S. P. *La economia del subdesarrollo*. Madrid, Editorial Tecnos, 1963.
- MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus, 1994.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre os imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- MASSEY, Douglas S. et al. *Return to Aztlan: The social process of international migration from western Mexico*. Los Angeles, University of California Press, 1987.
- MASSEY, Douglas S. et al. "Theories of international migration: A review and appraisal" In *Population and development review*, 1(1), 1993, p.411-66.
- MATA, Milton da. "Urbanização e migrações internas" In MOURA, Hélio A de (coord.). *Migrações internas: Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, t.1, 1980, p.27-34.
- NACIONES UNIDAS. *Migración internacional y desarrollo*. Nueva York, Sección de Reproducción de las Naciones Unidas, 1997.
- OLIVEIRA, Orlandina de e STERN, Cláudio. "Notas sobre a teoria da migração interna, Aspectos sociológicos" In, MOURA, Hélio de (coord.). *Migrações internas: Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, t. 1, 1980, p.248-65.
- PIORE, Michael. *Birds of passage: Migrant labor and industrial societies*. New York, Cambridge University Press, 1979.
- PORTES, Alejandro. "Economic sociology and the sociology of immigration: A conceptual overview" In PORTES, Alejandro (ed.). *The economy sociology of immigration: Essays on networks, ethnicity and entrepreneurship*. New York, Russell Sage Foundation, 1995, p.1-41.
- , e BACH, Robert L. *Latin journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*. Berkeley, University of California, 1985.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- RAVESNTEIN, E. G. "As leis da migração" In MOURA, Hélio A. de (coord.). *Migrações internas, Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, 1980. t.2, p.807-44.
- SALIM, Celso Amorim. "Estrutura agrária e dinâmica migratória na região centro-oeste, 1970-80: Análise do êxodo rural e da mobilidade da força de trabalho no contexto de industrialização da agricultura e da fronteira urbanizada". Tese de Doutorado em Demografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- SASSEN, Saskia. *The mobility of labor and capital*. New York, Cambridge University Press, 1988.
- SAYAD, Abdelmalek. "O retorno, elemento constitutivo do migrante" In *Travessia, Revista do Migrante*, São Paulo, número especial, jan., 2000.
- SCOTT, John. *Social network analysis*. London, SAGE, 2000.
- SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo, Brasiliense, 1976.
- SJAASTAD, Larry A. "Os custos e os retornos da migração" In MOURA, Hélio A. de (coord.). *Migrações internas: Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, 1980. t.1, p.115-45.
- SOARES, Weber. "Emigrantes e investidores: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense". Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- . "Da metáfora à substância: Redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga". Tese de Doutorado em Demografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- TILLY, Charles. "Transplanted networks" In YANS-McLAUGHLIN, Virginia (ed.). *Immigration reconsidered*. Oxford, Oxford University Press, 1990, p.79-95.
- TODARO, Michael P. "A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países em desenvolvimento" In MOURA, Hélio A. de (coord.). *Migrações internas: Textos escolhidos*. Fortaleza, BNB/Etene, 1980. t.1, p.146-71.
- VALENTE, Thomas W. *Network models of the diffusion of innovations*. New Jersey, Hampton Press, 1995.
- WASSERMAN, Stanley. e FAUST, Katherine. *Social network analysis: Methods and applications*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.